

EFEITO COLATERAL: O curioso caso “blog de Bagdá”

Autora: Carla Abe Vicente

Professor Orientador: Rodolfo Rorato Londero

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR

Resumo: Panorama sobre o papel jornalístico que os blogs de guerra (*warblogs*) podem exercer. E algumas das interfaces relevantes da relação que se estabelece entre Estado, sociedade e meios de comunicação de massa em uma situação de guerra. Inclui a interpretação de *posts* do Blog de Bagdá sob a ótica da teoria da cibercultura.

Abstract: Panorama on the role of journalism that blogs of war (*warblogs*) can play. And some of the interfaces relevant to the relationship established between state, society and mass media in a war situation. Includes interpretation of blog entries of Baghdad from the perspective of cyberculture theory.

Palavras-chave: Guerra do iraque; blogs; correspondentes de guerra; análise do conteúdo.

Introdução

A Guerra do Iraque se iniciou no dia 20 de março de 2003, com a tomada das tropas norte-americanas e internacionais por decisão do presidente George W. Bush, dos Estados Unidos da América. O pretexto da ocupação, inicialmente, foi achar armas de destruição em massa que, supostamente, o governo iraquiano teria em estoque e que, segundo Bush, representavam um risco ao seu país, abalado desde então pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. O presidente Bush tomou a decisão de invadir o Iraque sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU, após um ano de ocupação, entretanto, ele muda o discurso ao dizer que a ocupação faz parte da libertação de países e a promoção da democracia e da paz mundial.

A guerra que mantém as suas causas e conseqüências controversas, na época apareceu nas páginas dos jornais com o Iraque de forma distante, como terra de gente oprimida há muito tempo vivendo entre guerras e preparando-se para mais uma. Um povo diferente, com outras crenças, valores e modas. Em contrapartida, o autor do livro que é objeto de estudo desta pesquisa: “O Blog de Bagdá: o diário de um jovem em uma cidade bombardeada” vê Bagdá de uma forma grande e no seu blog contou para o mundo como foi a vida antes, durante e depois da guerra que impuseram ao seu país. A transformação que ocorreu após o 11 de Setembro perdido, em 2001. Neste contexto, buscamos amadurecer, por meio desta pesquisa, a compreensão do fenômeno blogs a partir da análise do conteúdo dos posts produzidos por Salam Pax, no período de setembro a outubro de 2002 e janeiro a junho de 2003, acerca das categorias de jornalismo que são classificados em opinativo, informativo e

biográfico, propondo uma interpretação sob a ótica da teoria cibercultura de Pierre Lévy (1999).

Partimos do questionamento se os blogs são ou não fonte jornalística em tempos de guerra, se a imagem espetacular conseguiu superar a informação no blog de Salam Pax fazendo um estudo sobre cobertura de guerra pela mídia e correspondentes.

As inquietações citadas se estabeleceram após a leitura dos posts e pesquisas da área da cibercultura, mais especificamente os blogs, os quais revelaram ser uma poderosa ferramenta em função do tempo e que por meio da Internet, disponibiliza o acesso do usuário às mensagens, quebrando aquela idéia de que nela você deve duvidar de tudo e todos.

Aspectos Metodológicos

Primeiramente, compreendemos algumas definições de blogs, buscando analisar os seus usos e apropriações na comunicação, classificando as características do blog pesquisado, que refere-se a Guerra do Iraque, além do estudo sobre o ciberespaço e correspondentes de guerra.

O levantamento e classificação dos posts foram feitos durante a leitura do livro o “Blog de Bagdá”. Os posts coletados foram categorizados “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamentos [...], com critérios previamente definidos”. (BARDIN, 2004, p. 111), que levaram em consideração os seguintes aspectos: jornalismo opinativo, informativo e biográfico.

Posteriormente realizamos uma análise de conteúdo, na qual refletimos o importante documento que se tornou o blog de Salam Pax. Logo depois, os dados foram tabulados e transformados em gráfico. Para finalmente concluirmos que os blogs de guerra (warblogs) influenciaram o jornalismo da época de forma abrangente.

Blogs: um papel crítico no ciclo da informação

Em fins de 2007 o blog comemora sua primeira década. A palavra “blog” vem de “weblog”, contração de “web” e “log”, criado por John Barger com o seu pioneiro *Robot Wisdom* em 17 de dezembro de 1997. O blog pode ser usado para as mais variadas tarefas, principalmente para a socialização do ser humano.

De acordo com a teoria da cibercultura proposta por Lévy (1999), a emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. Se não se levar em conta os blogs no viés estrutural, funcional ou artefato cultural, eles continuam como um artefato para a comunicação mediada por computador, o qual permite a socialização online de acordo com os mais variados interesses. A cibercultura identificado de forma simples como “novas tecnologias”, as quais inclui os blogs, a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. O ciberespaço oferece as condições para uma comunicação direta, interativa e coletiva.

Podemos dizer baseando-se ainda na cibercultura que as tecnologias digitais surgiram, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, entretanto também são um novo mercado da informação e do conhecimento. Em minha análise, o “Blog de Bagdá” será considerado como fonte jornalística (informações). A mídia como o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, rádio, a televisão, o cinema ou a Internet, por exemplo, são mídias.

Os blogs em sua maioria disponibilizam um espaço de interação, de debate, em que podem ser deixados comentários, críticas, as quais podem interagir com o blogueiro ou o visitante do blog por meio de textos, imagens e hipertextos. Os blogs frequentemente oferecem uma lista de indicação com links internos e externos que apontam para conteúdos de arquivo, outros blogs recomendados e conteúdos que guardam afinidade com o tema de interesse do grupo. O espaço social do blog promove a criação e a frequência a outros blogs e a outros ambientes comunicacionais da rede. Há pesquisadores que definem os blogs a partir de características de sua linguagem e narrativa, apontando, no mais das vezes, a autoreferência e a subjetividade que conformam esse gênero textual.

Certas características típicas dos blogs estão sendo difundidas para websites de todos os formatos e funções, isso como resultado do próprio sucesso dos blogs. Os blogs mostraram aos produtores de conteúdo que havia um público ávido por acompanhar páginas atualizadas constantemente, comentar os fatos, compartilhar conhecimento e fazer contato com outros internautas.

Os blogs educaram o próprio público para todas essas atividades e também para a produção de conteúdo próprio, para a construção de “eus” na web e para a formação de redes sociais. Essa presença de características dos blogs em toda categoria de sítios põe em cheque as definições mais comuns do fenômeno. É irônico que o sucesso dos blogs possa acabar por diluir seu significado e, no limite, fazê-los desaparecer como

um gênero de publicação em separado. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 107)

Na política, a rede mundial de computadores se configura como importante espaço de informação, debates e interações entre os diversos atores sociais. As diversas possibilidades da internet trazem uma nova dinâmica para as relações políticas, introduzindo novas práticas, atores e sociabilidades. Os blogueiros têm mais liberdade para publicar o que desejam, pois o material não tem necessidade de passar por um editor. A maior liberdade de produção de informação leva a uma maior participação política via internet. Por conseqüência, os blogs têm sido objeto de freqüentes remediações em sua breve história.

Como o jornalismo percebe-se que a matéria-prima dos blogs é a informação, podendo ser pessoal, opinativa ou meramente enunciativa. Os weblogs que eram inicialmente uma nova tendência de diarismo na internet tem quebrado de uma grande forma os paradigmas no jornalismo e influenciado a maneira de se praticar o jornalismo. Essa influência aumentou no início da Guerra do Iraque, que é objeto deste estudo. Surgiu na mídia e no ciberespaço os warblogs, os quais tem como foco central a questão da Guerra, sob as mais diversas formas. Muitos desses blogs são escritos por pessoas sem formação jornalística (não-oficiais) e a outra parte por jornalistas que estão cobrindo a guerra (oficiais).

A memória no jornalismo online dá a possibilidade de apresentar francamente as fontes para os leitores, como acontece nos warblogs. Isso nem sempre no jornalismo online. Os warblogs tem importância da interatividade, porque a partir de mecanismos de interação, os leitores podem interferir diretamente naquilo que é publicado. Dentro da idéia que o weblog permite não apenas um debate entre o leitor e o blogueiro, mas, igualmente, a discussão entre os leitores, a qual Primo (2001a, online) apud Recuero (2003, p.67), conceitua como uma interação mútua e reativa, que é fundamental para a constituição do espaço democrático no jornalismo. Os weblogs então são democráticos, mas podem carecer de legitimação pelo fluxo horizontal de comunicação, ou seja, em contato com os leitores e não associado como nenhum meio “oficial”.

Os warblogs estariam funcionando como “filtros” de informações de guerra, em conseqüência cada vez mais consciente da quantidade de pessoas buscando informações, os blogueiros se organizam. O usuário ativo, além de fornecer idéias, críticas e informações ao produtor de texto jornalístico, pode interferir na constituição dos contratos de leitura entre emissor e receptor.

O chamado novo jornalismo online se caracteriza, em grande parte, não só por uma reprodução do jornal impresso no espaço da internet, mas é um jornalismo hipertextual e

interativo, que abre espaço para a participação do leitor, o qual pode ter suas próprias decisões. Se as idéias do receptor serão ou não levadas em consideração continua sendo do emissor o poder de decisão. A aproximação dos weblogs com o jornalismo tem como marco inicial o ano de 2001. No entanto, ela já tenha alguns anos antes, com a criação dos primeiros blogs em meados da década de 1990, é em 2001, principalmente com os atentados terroristas às Torres Gêmeas do *World Trade Center* em 11 de setembro, que os weblogs passaram a ter visibilidade para o grande público e, como consequência disso, passa a ser vislumbrada a função que eles poderiam ocupar no jornalismo.

Houve um crescimento significativo de blogs sendo usados como fontes de informação de relevância jornalística, assim de certa maneira influenciavam o jornalismo. O que ocorre quando os blogs tem cunho jornalísticos são questionamentos baseados nas características desse meio. Se qualquer pessoa pode criar um blog e postar o que quer, assim a emissão da informação fica liberada também para quem não é do campo do jornalismo, mas também mais pessoas terão um lugar para informar. Por decorrência disso, o leitor é levado a selecionar as fontes e se questionar se o blogueiro é ou não jornalista. E na hora de determinar o que é ou não notícia o maior número de pessoas interessadas no assunto determinará o status de noticiabilidade. A participação de pessoas além do campo do jornalismo pode ressaltar um importante critério de noticiabilidade como a “proximidade”, qualquer blogueiro pode fazer o papel de jornalista sem se dar conta. A facilidade de debate entre quem produz a informação com relevância jornalística e o leitor possibilitam com mais agilidade a troca de informações.

Nomeado por Palácios (2006) o jornalismo difuso ao uso do blog como instrumento de reportagem – ou de um testemunho, de uma crônica – de determinado local onde fatos de extrema relevância jornalística estão acontecendo. Aos que estão na “cena do crime” é dado voz, vendo com seus próprios olhos a realidade que lhes é oferecida para enxergar. Um exemplo prático do jornalismo difuso são os warblogs criados por pessoas que estão nos locais onde ocorrem conflitos armados.

Os blogs foram responsáveis pelo aumento da visibilidade e da influência da blogosfera no jornalismo ainda em 2003, como já foi citado, quando o seu uso foi bastante comum em decorrência da proximidade da Guerra do Iraque e da invasão americana ao Afeganistão. Palacios (2006a) apud Amaral; Recuero; Montardo (2009, p.208) aponta como principal força desse tipo de jornalismo a multivocalidade presente nele e o testemunho direto com que seus autores se propõem a fazer. Como fraqueza, sinaliza a “incapacidade de fornecer um contexto interpretativo de maneira que a chuva de informações possa adquirir

significado e transformar-se em conhecimento” Palacios (2006a) apud Amaral; Recuero; Montardo (2009, p.209), surgindo assim, o nome “difuso” da classificação.

O jornalismo online, mais especificamente os de portais, seguiram o padrão de ter uma capa ou *home* – página inicial do portal que corresponde à primeira página dos jornais impressos – , em que temos chamadas para cada seção do site, que nada mais são além de manchetes e submanchetes – frases curtas, capazes de chamar a atenção e despertar a curiosidade do internauta. Mas com o blog, abandona-se esse modelo chamado por Amaral; Recuero; Montardo (2009) de hierarquização da informação. Isso, devido à disposição em ordem cronológica inversa, a informação mais importante é simplesmente a mais recente ou, melhor dizendo, a que foi publicada mais recentemente. Os blogs assim seriam o rompimento de um modelo organizativo da informação.

A primeira página ou capa de um blog é o último post publicado, tenha sido no próprio dia, há semanas ou meses atrás. Os posts registram, automaticamente, dia e horário das publicações. A organização básica do arquivo é por data. A definição das informações quanto ao que é mais ou menos importante segue tão somente um critério: o tempo. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 228)

No caso de blogs jornalísticos, além do critério temporal automatizado, o jornalista/blogueiro também interfere na decisão sobre o que é importante. Mantendo um post como o mais recente durante algum tempo, o blogueiro foca a atenção dos leitores sobre aquele assunto. Pode também repetir sua publicação em dias e horários diferentes. Quanto ao arquivamento dos posts, alguns blogs oferecem alternativas ao registro simples e automático organizado por data.

O jornalismo de blog seria próprio para atender os leitores, os quais são capazes de desempenhar o papel de webeditor que, por si só, seleciona por onde navegar e como encontrar dados disponíveis na internet, para atender suas necessidades. Com capacidade de ouvir, ler, ver, clicar, teclar, ao mesmo tempo.

A guerra e os correspondentes: a vida só é compreensível ao ser narrada

O papel dos correspondentes de guerra, a cobertura jornalística e suas limitações. Os conflitos entre Estados Nacionais não acontecem de uma hora para outra, geralmente se está passando por um período de virulência retórica, entremeado por pequenas escaramuças de fronteira, violações do espaço aéreo e/ou marítimo e retaliações especificamente dirigidas aos naturais do outro país. Episódios como esses são detectados rapidamente pelas organizações políticas internacionais e não tardam nas “networks” e agências noticiosas. Assim, é nesse

momento que entra o trabalho do correspondente de guerra deflagrando as hostilidades. Os procedimentos de início para a cobertura jornalística estão relacionados com a instalação de escritórios regionais ou bases de apoio técnico na área conflagrada e que possam contar com “correios alternativos”. É como se os correspondentes de guerra representassem o papel de historiadores e testemunhas de confrontos.

A Direção de Jornalismo de uma empresa incumbe o repórter de que ao ser enviado à região de conflito produza (escreva, grave, filme) informações detalhadas. E são poucas as corporações noticiosas internacionais que assumem responsabilidade pelo que possa ocorrer ao correspondente. Por isso, a preferência de “free-lancers”. Uma estratégia por vezes covarde, a qual contratos lastreados em cifras consideráveis escondem cláusulas, como a não obrigatoriedade de pagar seguro de vida ou hospitalar, cessão de direitos sobre textos e fotografias, etc. Fundamental é que o correspondente esteja credenciado junto ao Governo local e que junto seja autorizado pelo Alto-Comando Militar. Essa credencial permite andar pelas ruas e freqüentar locais controlados pelas tropas após o “toque de recolher”, caso interceptado por patrulhas de segurança, durante missão na retaguarda. A não apresentação desse documento pode resultar em prisão e até acusação de espionagem em favor do “inimigo”.

A habilidade de manutenção de fontes, como oficiais de ligação, varia de pessoa para pessoa, porque até que a confiança seja recíproca, as informações que se conseguem são poucas. Porém, existem situações em que o sigilo é peça primordial até os primeiros resultados das operações e qualquer “dica” fornecida ao repórter ele tem que se comprometer, porque existem muitas maneiras de deixar o profissional de imprensa “queimado”. O importante também é que o correspondente de guerra documente o impacto provocado nos combatentes após um ataque, mesmo que os resultados não sejam favoráveis. A opinião compreenderá melhor os esforços despendidos e mensurar se o envolvimento de tropas estrangeiras no conflito deve ser revisto. Diante de tantas informações que uma guerra oferece, é importante assinalar as relações entre Alto Comando e as lideranças civis das regiões, isso se as forças militares (em se tratando da área de ocupação) são bem recebidas pelos habitantes. Os documentos políticos proporcionam aos repórteres excelentes material, permitindo que a Opinião Pública mensure rapidamente as iniciativas dos governantes.

A imprensa tem o dever de relatar, com precisão, tudo o que se passa no “front” de operações, o que diz respeito aos combatentes e poder de fogo das forças mobilizadas. E dependendo da situação a liberdade concedida aos repórteres é restrita. Se a cobertura for livre a visão torna-se abrangente sobre o setor em apreço e permite a abordagem de assuntos

complexos, como operações antiguerrilha, ações de bombardeio ou de infantaria contra unidades “inimigas” agindo na retaguarda. O leitor é na maioria das vezes atraído pela atuação das Forças Especiais. Não existem muitos registros de incursões como essas documentadas pelos jornalistas, as missões dessas forças são efetuadas por destacamentos reduzidos, dotados de instruções específicas e devastadoras. Entendem os especialistas militares que a presença de civis corre uma série de riscos como: a dificuldade de mobilidade durante o retraimento às bases de origem (ou submarinos/ helicópteros de resgate); contribuiria – se capturados – para consolidar informações sobre o “inimigo”, revelaria segredos operacionais que lastreiam a missão de equipes.

Os repórteres vão a uma guerra para julgar, porque tudo deve ser criteriosamente checado e é indispensável o compromisso ético que norteia a profissão de jornalista. O respeito para com o correspondente de guerra vem por meio da qualidade das fontes ou capacidade de interpretação, publicação de análises precisas e/ou esclarecedoras sobre os fatos. Em contrapartida, muitas notícias não nascem da especulação pura e simples do repórter, podem originar-se de conversas com oficiais superiores, integrantes das “forças de apoio” ou até algumas vezes simpatizantes da “oposição”.

O jornalista deve estar constantemente preocupado, mesmo nos períodos de “calma aparente”. As normas de segurança não podem ser desprezadas, porque são originárias de ampla experimentação. E proteger-se é como uma obrigação profissional no caso de correspondentes de guerra. É sob o prisma numérico que normalmente as incursões militares são enfatizadas jornalisticamente: brigadas, divisões e exércitos empregados em operações de conquista ou ações defensivas. Costuma também a imprensa destacar o aparato da propaganda (geralmente enganosa) dos governos, quanto aos resultados obtidos e decisões estratégicas que mudam a vida dos habitantes dos países e regiões afetados. Certos fatos aparentemente menores devem ser consignados. A “rotina” dos combatentes no jogo de violência não pode ser desprezada.

Pela importância em certas situações do correspondente de guerra ele precisa produzir bom material informativo, o qual pode contar em retratar a eficiência no atendimento: se há médicos e enfermeiros em número suficiente; se os hospitais estão a salvo do fogo “inimigo”; se existem ambulâncias e helicópteros para transportar os que tombaram. Assim as notícias são influenciadas pelos repórteres, os quais podem obter informações sobre as escaramuças e as dificuldades para a remoção dos que tombaram. Mostrar o drama das pessoas que – em nome da solidariedade internacional ou em defesa do seu país – acabam feridos ou mutilados e os que não voltarão a andar ou enxergar. A recuperação para a vida civil deve ser marcada

também, inspeções efetuadas por generais e destinadas a homenagear os feridos nos campos de batalha.

A cobertura de guerras conduz a uma intensificação das potencialidades e dilemas da atividade jornalística no tratamento de textos e imagens, pois o tema revela uma situação paradoxal: o desenvolvimento e uso de uma capacidade tecnológica das sociedades voltada para a produção da morte. (FRANCISCATO, 2003, p. 51)

Um pseudo-ambiente para o correspondente. Em situações muito críticas, o raio de ação do correspondente pode se reduzir os quilômetros ao redor do hotel, onde a informação é escassa, formada por falsas impressões. Foi na década de 1990 e primeiros anos deste século, que as experiências midiáticas estabeleceram novos padrões de cobertura jornalística.

A cobertura jornalística das guerras vem sendo modificada, nos últimos anos, por mudanças estruturais de natureza tecnológica, manifestas no uso mais freqüente de transmissões 'ao vivo' pelas redes eletrônicas, na digitalização de suportes, conteúdos e linguagens e na comunicação online. (FRANCISCATO, 2003, p.56)

A guerra se tornou um evento midiático porque dois fatores convergiram: orientação governamental e editorial para evitar imagens de crueldade, inclusive as que sofriam os soldados americanos; e o aparato tecnológico de luzes e efeitos que os ataques tecnologicamente controlados possibilitaram. Na Guerra de 1991, a tecnologia analógica ainda tinha presença significativa na mídia, a Guerra EUA-Iraque em 2003 transformou a digitalização num recurso inevitável da cobertura, facilitando a operacionalidade da produção e da edição. Surgi o pensamento do jornalismo em tempo real como um modelo que extrapola uma supervalorização da instantaneidade e busca construir um jornalismo que amplie tanto a capacidade de informar e contextualizar eventos por meio de recursos novos de transmissão, edição e acesso quanto de operar temporalidades jornalísticas múltiplas. Palacios considera que:

[...] é preciso que se estabeleça uma distinção entre uma lógica da oferta, que caracteriza as mídias tradicionais (rádio, TV, imprensa), que funcionam por emissão de mensagens, e uma lógica de demanda, que caracteriza a Internet, que funciona por disponibilização e acesso do usuário às mensagens. E essas modalidades midiáticas são complementares e não pontos ascendentes numa escala evolucionária. Não há "progresso" entre o jornal, o rádio, a TV e a Internet, mas sim conjugação de formatos (PALACIOS apud FRANCISCATO, 2001, p. 51).

A constituição de uma prática jornalística baseada na transmissão ao vivo e na informação em tempo real reforçou a valorização de aspectos como a transmissão instantânea de informações, o sincronismo de ações e multiplicidade de eventos em conexão temporal. E isso afeta modos como o jornalismo opera a diversidade dos eventos noticiosos. Porém, a

cobertura de guerras é uma experiência única pela convergência dos desafios jornalísticos para tratar o confronto humano. O resultado de uma guerra são mortos, feridos, mutilados, desaparecidos, órfãos, ruínas.

Ao correspondente cabe registrar tudo até a volta daqueles que permaneceram confinados, com as responsabilidades especiais pela facilidade de manipulação de informações. Porque tanto uma estratégia governamental dos países envolvidos de controle ou direcionamento de abordagens, nas concepções das instituições jornalísticas e dos profissionais envolvidos influenciam sobre escolhas entre modos de apurar e construir os relatos jornalísticos.

Uma análise do blog de Salam Pax: o diário de um jovem numa cidade bombardeada.

Dentre os mais famosos warblogs “não-oficiais” entra o blog analisado, de um iraquiano residente em Bagdá, que escreve através de um pseudônimo “Salam Pax”, chamado “Where is Raed?”. O weblog, um “diário”, iniciado em dezembro de 2002, com o objetivo de mostrar o dia-a-dia do autor em Bagdá, tornou-se um fenômeno após a explosão da guerra. O weblog é constituído de um relato do cotidiano.

Somente a partir de um acompanhamento sistemático e cuidadoso, pode-se determinar se tal ou qual blog é ou não jornalístico. O conteúdo do weblog de Salam Pax na sua maior parte é pessoal. A personalidade dos textos é muitas vezes evidente no trabalho de jornalistas. É o lado do jornalista. E nesse contexto, o blog personaliza a informação ao incluir nela aspectos da personalidade ou da visão do jornalista ou blogueiro. No caso do warblog analisado “O Blog de Bagdá” verifica-se:

Outra característica que pode ser compreendida como uma extensão da personalização dos warblogs é a informação opinativa. A discussão e o debate são estimulados através da constante análise e opinião nos textos dos posts. Os autores costumam colocar pontos (em geral levantados pela mídia ou pela leitura de outros weblogs) e discuti-los com os leitores através dos comentários ou com outros blogs através de links para posts. (RECUERO, 2003, p. 64)

A questão da opinião ou comentário, presente nos blogs pode ser de um modo mais evidente ou mais discreto. Enquanto os outros blogs não eram tão explícitos no posicionamento, divulgavam somente opiniões pessoais por meio de banners com alguma mensagem sobre o conflito ou a situação do Iraque. Já:

O weblog de Salam Pax, por exemplo, traz logo de início, por exemplo, um banner dizendo “Support Democracy on Iraq” (apóie a democracia no Iraque), deixando claro que o autor apóia a derrubada do regime de Saddam Hussein. Além disso, ele coloca, em várias ocasiões que, apesar de ser contra o regime de Hussein, é contra a guerra também. Acha que ela não é a solução e que apenas vai trazer mais sofrimento ao povo iraquiano. (RECUERO, 2003, p. 64 e 65)

A opinião, entretanto, não é uma característica exclusiva dos blogs. Também pode ser encontrada nos jornais online. As pessoas questionaram Salam Pax sobre a existência de seu blog, por isso o autor respondeu: “Por favor, parem de enviar e-mails perguntando se eu sou real. Não acreditam? Então não leiam [o weblog]”. (PAX, 2003, p. 164). No momento da guerra ficou evidente a influência dos blogs na agenda dos veículos de comunicação online e a personalização na cobertura da guerra abriu espaço entre os leitores. O blogueiro Salam analisava e relatava a situação das pessoas no Iraque, dando ao leitor a dimensão da guerra. O leitor pode observar a guerra do ponto de vista de um iraquiano de Bagdá, de um soldado que está no front, de um jornalista que está tentando entrar no país para informar, de pessoas que são, simplesmente, observadoras da situação. Desde o início da guerra do Iraque os blogs interferiram diretamente na agenda dos meios “oficiais”. Percebe-se que fluxos “oficiais” circulam juntamente com aqueles “não oficiais”.

Como Salam mesmo diz, é claro o porque os repórteres estrangeiros serem expulsos do país, as notícias normalmente fabricadas, carregavam também uma carga de preconceito quanto ao regime iraquiano. Salam é crítico quando se trata do povo iraquiano, o qual o próprio governo não informa as coisas como realmente são provocando mais revolta nele quando vê o que é passado para o mundo:

Minha manchete favorita até agora veio da Reuters (ABC News Online): O MUNDO VÊ CHANCE PARA A PAZ, E IRAQUE EMUDECE PERANTE VOTAÇÃO DA ONU. Engraçado, o mundo vê paz, enquanto eu preciso preparar um abrigo contra bombas na minha casa. Se alguém precisar de mim, estarei escondido embaixo da cama até isso tudo terminar. (PAX, 2003, p. 50)

O post de quarta-feira, 19 de fevereiro de 2003, prova como o olhar de quem era um iraquiano mesmo, pode perceber diversos erros em meios de comunicação oficiais, mas não só por causa da manipulação. Erros como o Guardian, que cometeu erro ao citar o pai da esposa do filho mais novo de Sadam, o qual é um militar muito importante. E também quando disse que a família do general sultão estava sob custódia, Salam pode afirmar que não, porque viu seu filho dirigindo pelas ruas.

Salam lia weblogs também, e o seu que era hospedado pelo blogspot, fez perceber que as pessoas conheciam mais ele do que sua própria família. As suas opiniões eram baseadas no

que ele estava vivendo. Enquanto um repórter da BBC, caminhando sexta-feira pelo mercado de livros de Mutanabi terminou seu relato dizendo que os iraquianos estavam fingindo um ar de normalidade, Salam conseguiu apenas com o seu cotidiano mostrar qual era a sua opinião perante isso. Simplesmente cita coisas que fez durante a semana: terminar de colocar fita adesiva em todas as janelas da casa, instalar uma bomba manual, comprar sessenta litros de gasolina para ela funcionar, preparar um quarto de emergência e preparar dois quartos da casa para deslocados internos. O que os jornalistas estrangeiros realmente queriam ver era ação e o cotidiano das pessoas parecia desperdício.

Vários meios, como a Folha Online, a Folha de S. Paulo, o Globo.com têm apontado sistematicamente para os blogs como notícia. Em notícia do dia 10 de abril, por exemplo, a Folha Online comenta: Cada vez mais leitores estão descobrindo o Warblogging.com ou o Warblogs.cc e os muitos sites semelhantes, em busca de uma perspectiva diferente e opinativa sobre os eventos atuais, além de um fórum para debates. Os blogs – apelido de weblogs – oferecem um tipo de jornalismo cru, e realmente decolaram desde que a guerra contra o Iraque começou no mês passado, com jornalistas amadores e profissionais participando do movimento. (“Blogueiros assumem cobertura da Guerra no Iraque” – notícia proveniente da Reuters, reproduzida em vários outros veículos de comunicação.) (RECUERO, 2003, p. 70)

Os blogs trazem ao jornalismo a organização em função do tempo, por meio de pequenas parcelas de conteúdo. Os posts de Salam Pax nos fazem poder afirmar que além do blog ter muita informação, ele consegue ser organizado e filtrar criticamente o conteúdo da mídia. Opinar se analisarmos é um privilégio, por exemplo, dos editoriais, que representam o pensamento da direção de qualquer matutino ou vespertino. Salam consegue trabalhar em muitos posts dentro do jornalismo opinativo a questão de analisar os meios de comunicação:

Com a exceção de um jornal chamado *Novo Iraque* - no momento é um seminário, porque é financiado por um grupo de jornalistas -, são todos uma porcaria. São exatamente iguais aos velhos jornais iraquianos: uma foto do líder do partido X “no meio dos seus”, notícias dos grandes feitos daquele partido. Blá-blá-blá. Bom para os vendedores de amendoim na rua – dão ótimos cones de papel. (PAX, 2003, p. 199)

Já a delimitação entre interpretação e opinião praticamente não existe. Em Erbolato (2001), interpretação é uma palavra que, até certo ponto, significa mostrar o que está debaixo da superfície. Em seu sentido mais puro, entende-se como uma grande definição de algo. O verbete está inserido no Dicionário Webster como: “interpretar – explicar o significado: traduzir, aclarar. Analisar à luz de uma ciência, juízo ou interesse individual.”. A opinião forma idéias, apoiadas em conclusões pessoais, a respeito dos mesmos fatos.

Salam mostra habilidade em seus posts quando sempre vai dando exemplos das conseqüências do aumento da moeda iraquiana, menciona a questão do petróleo várias vezes, o aumento do preço da gasolina, questões de extrema importância:

Não é tão surreal quanto parece. Saddam imprimiu mais dinares iraquianos do que o sistema pode suportar. Com muitos dinares no mercado, o valor cai e o valor real fica distorcido. Se as queimas estão ocorrendo, então eles estão diminuindo a quantidade de papel (dinares) que está no mercado, criando uma demanda e puxando o valor do dinar para cima, portanto não se trata de “coisa ruim”. Não vejo razão para ficar tão alarmado quanto às pessoas que me contaram a história estavam. (PAX, 2003, p.229)

Uma forma de jornalismo opinativo bastante utilizada é a sob forma de colunas. Salam Pax teve uma coluna quinzenal para o Guardian que postava em seu blog: “Universidades: terreno fértil para a insatisfação? Estudantes: revolucionários por natureza? Bem, não nesta cidade. Passei horas das mais frustrantes na Universidade de Bagdá.” (PAX, 2003, p. 248)

A multiplicação dos meios informativos é um fenômeno do século XX. De acordo com as técnicas de codificação em jornalismo de Erbolato, a informação e a interpretação não devem ser apresentadas com a opinião no mesmo texto.

O que é informar a fundo? “Não há nada de misterioso nisso”, diz Turner Catledge, que acrescenta: “A palavra informar é completa por si mesma e exige que o repórter e o jornal dêem ao leitor notícias tão exatas e profundas como mereça a importância dos fatos. Consideramos que informar a fundo é apresentar ao leitor todos os aspectos essenciais sobre um assunto, os porquês, os motivos e tantos ângulos do caso quanto seja possível. Temos que oferecer ao público muitos antecedentes”. (ERBOLATO, 2001, P.37)

Informação importante a qual Salam não deixou de postar em seu blog foi quando as autoridades bloquearam os serviços de e-mail, a restrição de sites no Iraque perdurou por um bom tempo. Foi recebida no e-mail a seguinte mensagem a qual Salam descreveu no post de 12 de Janeiro de 2003:

AUTORIDADES BLOQUEIAM SERVIÇO DE E-MAIL

Os iraquianos começaram a receber os e-mails na semana passada, disseram visitantes no Iraque. O serviço de mensagens controlado pelo Estado está disponível apenas a um pequeno número de iraquianos, na sua maioria oficiais do governo, servidores públicos veteranos, acadêmicos e cientistas. (PAX, 2003, p. 96)

Um pouco preocupado acerca de quem estava lendo o quê, Salam foi descobrir como decidem o que será e o que não será bloqueado, e parece que de fato é a confusão que imaginava. Assim ele acaba desenvolvendo em seus posts também reflexões sobre a manipulação de conteúdos.

Um filão editorial muito explorado pelos jornalistas, principalmente aqueles cansados da rotina de redações e o escasso espaço para o aprofundamento em assuntos é o jornalismo biográfico. Segundo Pena (2008, p. 161), a biografia é um gênero narrativo que utiliza técnicas jornalísticas e vale-se de um pacto referencial de expressão da verdade com o leitor.

Quando Pena desenvolveu sua teoria da biografia sem-fim definiu que o relato biográfico produzido pelos jornalistas, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente.

O rádio toca sem parar canções de guerra dos anos 80. Sabemos todas de cor. Dirigi por Bagdá, acompanhando músicas que dizem coisas como “estaremos com você até o dia de nossa morte, Sadam” foi, de repente, um pouco pesado demais. Ninguém tinha pensado muito sobre aquela frase, mas hoje em dia, de alguma forma, ela parece sinistra, já que ontem à noite a música “patriótica” mais tocada foi a da juventude *al-fituuwa*: é o código para todos os *Fedayeen* (guerreiros fiéis a Saddam) reunirem-se com suas respectivas unidades. E ela ainda está sendo tocada. (PAX, 2003, p. 158)

Há a predominância de posts biográficos no blog de Salam.

E o mais chocante de tudo era o número de garotos. Não deviam ter mais que vinte anos, sentados em trincheiras, tomando refrigerantes Miranda e comendo chocolate (isso foi no final da nossa rua); em outros locais, eram vistos sentados ao sol, entediados. Mais carros com armas e toneladas de Kalashnikovs por toda parte. (PAX, 2003, p. 159 e 160)

Pena (2008) sustenta que ao organizar a vida como uma história linear, o biógrafo fornece uma razão de ser ao seu objeto e tranqüiliza o leitor, que se identifica no passeio pela estrada percorrida.

Os posts do livro “O Blog de Bagdá” de Salam Pax, com um total de 157 posts de setembro, outubro, novembro, dezembro de 2002 à janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho de 2003 foram separados e identificados nas categorias (unidades) de jornalismo descritas nesse capítulo, para discorrer com mais propriedade o que a pesquisa propôs, provar que o blog pode ser fonte jornalística em tempos de guerra, já que muitos ainda não confiam em informações provenientes da internet. O resultado obtido foi 49,04 por cento são posts biográficos, 45,2 por cento opinativos e 5,73 por cento informativos.

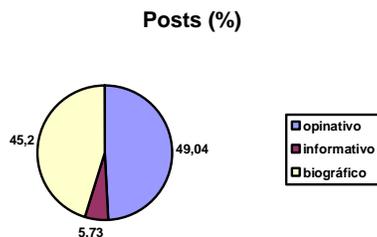


Gráfico 1 – Categorias jornalísticas em que os posts foram classificados. Fonte: VICENTE, Carla Abe (2010).

Conclusões

A questão da Guerra do Iraque de 2003, entende-se que o homem iraquiano teve o direito de expressar uma opinião livre sobre a conduta do governo há quarenta anos, 1962. O Iraque é um país difícil de ser compreendido pelo ocidente e o seu regime tão facilmente deplorável propiciou a criação de explicações fantasiosas sobre as relações de Bin Laden e Saddam Hussein e sobre a ameaça que o Iraque representava para a segurança do mundo.

O papel da imprensa, se os jornalistas ou as pessoas quiserem, pode ser o de participar da discussão da sociedade sobre os atos de seu governo. Numa democracia, as decisões devem ser tomadas após o livre embate de idéias que podem ser divergentes, com a presença de uma imprensa livre para a circulação e divulgação de tal diversidade.

Uma pluralidade deste tipo pode ser obtida seja externamente, quando vários meios de comunicação com diferentes perspectivas circulam numa mesma sociedade, permitindo aos cidadãos escolherem aquele com que mais se identificam, seja internamente, quando os órgãos emissores tomam para si a tarefa de “ouvir todos os lados envolvidos”, apresentando-nos uma efetiva pluralidade de enquadramentos. O dilema da cobertura de uma guerra deve ser ouvir, além do “nosso lado”, também o “outro lado”. A informação não precisa ser comunicada intacta, que se uma pessoa for competente o suficiente, isso pode ser uma vantagem para o jornalismo em uma situação de guerra, em que o profissional sofre muita pressão e muito constrangimento.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra *Blogs.com Estudos sobre blogs e comunicação*, São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, São Paulo, 2009.
- ERBOLATO, Mário. L. *Técnicas de codificação em Jornalismo Redação, captação e edição no jornal diário*, São Paulo, Editora Ática, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Rio de Janeiro, 1989.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*, São Paulo, Editora Contexto, 2008.
- PAX, Salam. *O blog de Bagdá*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- REVISTA DA COMUNICAÇÃO VERSO E REVERSO, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS São Leopoldo, 2003/2.